

“Reacionário” ou “progressista”? A disputa acadêmica e editorial em torno da memória de Otto Maria Karpfen/Carpeaux.

EDUARDO GOMES SILVA*

*Já começa a biografia! Eu não lhe dizia
que não quero dar entrevistas
biográficas. (...)
Não faça a minha biografia!*

*O esquecimento não resolve nada,
a incompreensão estraga tudo.*

A escolha das passagens que compõem a epígrafe acima figura como intróito ao tema e às questões que abonam com seu quinhão de particularidade desta comunicação. A despeito do espaço temporal e do contexto que separam tais citações – a primeira data de 1976, oriunda de uma entrevista à revista literária *José*; a segunda, um excerto de um dos artigos de seu primeiro livro publicado no Brasil, *A Cinza do Purgatório* [1942] –, elas revelam algo significativo sobre esse austríaco-brasileiro que viveu a exata metade de sua vida na Europa e a outra no Brasil: seus posicionamentos contraditórios, pouco avenço a convenções. Características que, paradoxalmente, o tornariam um homem de fortes convicções políticas e cujas ações na esfera pessoal quase sempre materializaram suas lutas – quer sejam políticas, quer metodológicas.

Quanto ao tema, embora esta comunicação não proponha, *tout court*, um exercício biográfico, orientamo-nos mais pela segunda citação de nossa epígrafe do que pela advertência expressa na segunda. Mesmo porque a história nos oferece diversos exemplos em cujo cerne da contribuição à cultura literária estivera a própria desobediência às vontades do Autor. Num clássico exemplo, e guardadas as devidas proporções, qual não foi a contribuição de Max Brod à literatura mundial quando este desobedeceu o pedido de um Kafka desiludido e moribundo para que queimassem suas obras?! Em outras palavras, intentamos traçar, à luz da historiografia, a trajetória pessoal, política e metodológica do vienense judeu nascido Otto Karpfen, tornado Otto Maria Karpfen após sua conversão ao catolicismo e que, no exílio definitivo de uma Europa convulsionada pelo nazifascismo, passou a assinar e ser conhecido entre nós, brasileiros, como Otto Maria Carpeaux.

Adiantando parte de nossa metodologia, a forma como pretendemos imprimir tais trajetórias é tentando localizar Otto [Maria] Karpfen/Carpeaux através de seus “escolhos” pessoais, de seus “escolhos” políticos e de seus “escolhos” metodológicos; debruçando-nos, para tanto, não somente nos vestígios materiais de sua trajetória na Europa e no Brasil, mas também no campo onde intelectuais como ele, “homem de letras”, possam vir a atuar organicamente: o campo da escrita.

A despeito do risco que corremos com o neologismo – que teimam em nascer por falta de melhor expressão –, a palavra “escolhos” mostra-se essencial para a delimitação de nosso objeto e às questões que ora dirigimos a ele. Definida em língua portuguesa como um “recife ou baixio à flor da água”, mas que também pode significar, em sentido figurado, “obstáculo, óbice, perigo”¹, tal palavra coaduna-se com a maneira como entendemos ser possível abordar uma trajetória pessoal sem hiperdimensionar as escolhas individuais (e por isso a palavra “escolha” seria inapropriada), tampouco hiperdimensionar as contingências externas. Em outras palavras, dialeticamente é a forma como pretendemos abordar o que estamos chamando de “escolhos” de Karpfen/Carpeaux. A interdependência de suas decisões pessoais, profissionais e metodológicas e a interrelação destas ao contexto em que se deram representam, além de nosso próprio objeto, compromisso metodológico.

Mas quem, afinal, foi Otto [Maria] Karpfen/Carpeaux²? Qual a relevância em dedicar-se ao estudo de sua trajetória? Por que propor um estudo acadêmico desta trajetória, e não construí-la através de uma plataforma “menos rígida”, como uma biografia? Ou, quiçá, mais “fluida”, como a ficção-histórica? A inexistência de um estudo sistematizado acerca da trajetória de Karpfen/Carpeaux, somada à existência de um farto e inédito material primário ligado a sua pessoa (sobretudo correspondências ativas e passivas, mas também documentos pessoais, rascunhos e anotações diversas referentes à sua produção literária) respondem, portanto, parte das indagações acima. Também sua profícua produção literária seria capaz de sustentar uma investigação de fôlego; afinal, além de ser responsável por um amadurecimento no campo da crítica literária brasileira – tecendo métodos e introduzindo temas e autores até então

¹ “Escolho”. In: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão eletrônica (Cd-Rom).

² À guisa de esclarecimento, quando considerada a trajetória integral do intelectual objeto desta pesquisa, o denominaremos Otto Maria Karpfen/Carpeaux (ou somente Karpfen/Carpeaux). Para pontuar especificamente sua trajetória no Brasil, o trataremos como Otto Maria Carpeaux.

desconhecidos ou pouco abordados no país, como Walter Benjamin ou o próprio Franz Kafka³ – Karpfen/Carpeaux assinou centenas de artigos no campo da crítica literária, da história da cultura e da história da literatura; além de ter publicado nada menos que 14 obras acerca de temas literários, tendo como um grande representante deste *corpus* o estudo *A História da Literatura Ocidental* (originalmente publicado em oito volumes e cuja abrangência analítica unia às principais obras helenísticas às publicações então contemporâneas, muitas delas de autores brasileiros).⁴

A lista de obras publicadas pelo crítico literário ainda é composta por alguns estudos biográficos, estudos sobre a história da música, roteiros para programas radiofônicos e até mesmo roteiros cinematográficos. Complementa este vultoso corpus os artigos e livros de expresso caráter político, marcados ora por seu engajamento no conturbado contexto europeu pré-Segunda Guerra Mundial e pré-*Anschluss* austríaco⁵, ora por sua também incisiva postura confronto ao golpe de Estado brasileiro de 1964 e aos governos ditatoriais decorrentes deste⁶.

Somado aos argumentos acima, o que também justifica um estudo sistematizado acerca da trajetória de Karpfen/Carpeaux é a existência de uma disputa em torno de sua memória – disputa esta ancorada numa espécie de indefinição [ou definições autoexcludentes] enfrentada ainda em vida por este austríaco: seria ele um intelectual “reacionário” ou um intelectual “progressista”? Embora tenhamos consciência que encerrar em termos tão estanques uma trajetória complexa, e mesmo contraditória, como a de Karpfen/Carpeaux seria o mesmo que abrir mão de uma visão dinâmica da sociedade e do indivíduo (passíveis, que são, de rupturas, ajustamentos e transformações), é inegável que para superar tal indefinição é preciso considerar sua

³ Sua crítica literária foi apontada por Alfredo Bosi como “divisor de águas entre modos de ler menores [...] e consciência crítica poderosa da literatura como sistema enraizado na vida e na história da sociedade. Cf.: (BOSI, 2006:496).

⁴ Cuja primeira edição foi publicada entre 1959 e 1966.

⁵ *Anschluss*, como ficou conhecido à anexação austríaca ao III Reich de Hitler, ocorrido em março de 1938. Dentre as principais obras desta época, destaca-se: *Wege nach Rom*. Wien: Reinhold-Verlag, 1934 [Caminhos para Roma], assinada por seu nome alemão, Otto Karpfen; e *Österreichs europäische Sendung*. Wein: Reinhold-Verlag, 1935 [A missão europeia da Áustria], esta última publicada sob o pseudônimo de Otto Maria Fidelis.

⁶ Já deste período temos: *A batalha da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965; e *O Brasil no Espelho do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965; dentre diversos artigos não coligidos em livro.

origem e, sobretudo, sua permanência até os dias atuais – posto que revela fricções atuais sobre o passado recente do nosso país, como veremos mais adiante.

Em resumo, também a história da construção e da manutenção deste enquadramento de Karpfen/Carpeaux deve ser investigada no que se refere à trajetória de Karpfen/Carpeaux. Mesmo porque, por trás de tal indefinição há pelo menos uma grande discussão que perpassa não só o campo historiográfico, mas também o das ciências humanas: o papel do intelectual nas sociedades modernas.

Uma parte desta indefinição pode ser relacionada à parcela europeia da trajetória de Karpfen/Carpeaux, quando ainda assinava seus escritos como Otto Karpfen e, após sua conversão ao catolicismo, Otto **Maria** Karpfen – história, aliás, sempre tangenciada ou mesmo omitida por Carpeaux ao longo de sua vida no Brasil⁷. Nascido na capital austríaca em 1900⁸, Otto Karpfen pertencera a uma família, se não típica, porquanto de ascendência judia, como tantas outras do Império Austro-Húngaro. Seus pais, o profissional liberal e judeu, Max Karpfen e a senhora proveniente de uma tradicional família católica, Gisela Schmelz Karpfen, gozavam de uma vida sem grandes riquezas materiais, mas plenamente integrada àquela sociedade de caráter tradicional (vivia-se sob o reinado dos Habsburgo desde o século XIII) e ao mesmo passo cada vez mais liberal (sobretudo a partir do século XIX, com a substituição da monarquia absolutista pela monarquia constitucional e parlamentar, que caracterizou o *fin-de-siècle* naquele império).⁹

Portanto, podemos dizer que Otto Karpfen era um legítimo filho da Casa da Áustria, embora pertencente a uma geração cujos novos valores alentados entravam em conflito com essa ascendência – geração representada pelo movimento *Jovem Viena*¹⁰.

⁷ Além de recusar-se a dar informações sobre este período, o qual considerava “ultrapassado”, em pelo menos uma significativa situação Otto Karpfen/Carpeaux omitiu parte de suas atividades políticas na Europa: justamente em seu processo de pedido de naturalização, enviado ao Ministério da Justiça e Relações Exteriores em 1944.

⁸ As informações que seguem são de autoria de Renard Perez e faz parte o pequeno estudo biográfico intitulado “Otto Maria Carpeaux”. Tal estudo abre uma coletânea de artigos publicada por Carpeaux em 1968, sob o título de *As Revoltas Modernistas na Literatura*. Esta disposição sugere a anuência do crítico literário às informações biográficas de Renard Perez. Cf.: (PEREZ, s/d:11-22).

⁹ Dentre as obras que melhor pontua tais reformas, destacamos “Viena fin-de-siècle”, de Carl Schorske. (SCHORSKE, 1989); (HOFMANN, 1996).

¹⁰ No original *Jung-Wien*, movimento que reunia nomes importantes do campo da poesia e do teatro austríaco/europeu, tais como: Hugo von Hofmannsthal, Hermann Bahr, Arthur Schnitzler e Stefan Zweig. O principal ponto de atrito de Karpfen a este movimento residia na valorização extremada do esteticismo e do idealismo compartilhada por seus integrantes, o que os afastavam de um engajamento

Tais influências o levariam a obter o título de doutor pela Universidade de Viena (onde frequentou os cursos de Matemática, Física e Química, tendo defendido tese nesta última área), mas também o levariam a aprofundar sua formação na área humanística, através dos estudos de Filosofia e Sociologia, Literatura Comparada e de Política. Sua atuação profissional pós-formação foi marcada pelo conturbado período em que a Europa, de uma forma geral, e a *Mitteleurope*¹¹, em particular, se encontravam no período posterior à Primeira Guerra Mundial: dissolução dos grandes impérios, liberalismo em crise e ascensão de governos nacionalistas/centralizadores. O Tratado de St. Germain-en-Laye (assinado pela Áustria em setembro de 1919, que viera à reboque do Tratado de Versalhes), punha fim definitivo a uma “colcha de retalhos” cuja composição de 17 nacionalidades e 13 idiomas conformavam o Império Austro-Húngaro.

Seria nesta jovem república que Otto Karpfen atuaria como jornalista político e, uma vez convertido ao catolicismo, como um intelectual orgânico¹² do programa político clerical e conservador capitaneado pelo Partido Social Cristão austríaco – alguns autores chegam a denominá-lo de ideólogo¹³ deste programa político. Divida internamente por duas grandes forças políticas (representadas pelo já citado Partido Social Cristão e pelo Partido Social Democrata), além de conviver com o espectro da anexação hitlerista, esta Áustria de Otto Karpfen ainda passaria por um golpe de Estado (o chamado austrofascismo – *Ständestaat*, no original), iniciado em 1933 com a dissolução do Parlamento e aprofundado em 1934, quando o então chanceler Engelbert Dolfuss cassou os partidos políticos então existentes e passou a governar sem a anuência parlamentar. Paradoxalmente, porquanto fora tomado em oposição à anexação

político tomado por Karpfen como premente na Europa do entreguerras. Cf.: (VENTURA, 2002).

¹¹ Termo que excede a tradução literal, Europa Central, uma vez que compreende uma área “geográfico-cultural e histórica, unificada pela cultura germânica (a Alemanha e o Império Austro-Húngaro)”. Cf.: (LOWI, 1989:09); (HOBSBAWM, 2002:18).

¹² É notório que denominando de orgânica, integral, a atividade política de Otto Maria Karpfen, compartilhamos da distinção elaborado por Antonio Gramsci entre “intelectual tradicional” e “intelectual orgânico”, presente em várias passagens de seus *cadernos do cárcere*; especialmente: (GRAMSCI, 2000).

¹³ A denominação “ideólogo” é cunhada por Mauro Ventura, em “De Karpfen a Carpeaux”, embora faça tamanha afirmação baseado no fato de Karpfen ter sido um dos colaboradores da revista oficiosa *Der christliche Ständestaat*. Informação que, por sua vez, é corroborada pelo historiador Andreas Pfersmann através de seu artigo *Otto Maria Carpeaux* pertencente ao compêndio *Que lejos está Viena. Latínamérica de la Literatura Austríaca Moderna*. Cf.: (VENTURA, 2002: 26)

da Áustria pelo III Reich, o chamado “austrofascismo” acabaria por abrir franco caminho para o *Anchulss*, finalmente consumado em março de 1938.¹⁴

Sem espaço de atuação numa Áustria anexada, Otto Maria Karpfen e sua esposa, Helena Karpfen, rumaram para os países em que o jornalista havia anteriormente mantido contato. A rota exata dos Karpfen até o exílio no Brasil não é consenso entre os poucos trabalhos que abordaram sua história de vida¹⁵, mas a sua permanência e atuação jornalística em Antuérpia (Bélgica) são dadas como certas, uma vez que há registro de seus artigos no maior jornal belga de língua holandesa, a *Gazet van Antwerpen*, além de haver fortes indícios de sua colaboração na revista belga católica *La Cité Chrétienne* – sempre sob o pseudônimo de Otto Maria Fidelis.¹⁶ Vale lembrar que, pelo menos desde 1935, Karpfen já escrevia sob o pseudônimo de Fidelis, mesmo publicando a partir de Áustria – assinando, como vimos, a obra-panfleto do Partido Social Cristão, *Österreichs europäische Sendung* – “A missão europeia da Áustria”.

As circunstâncias que fizeram do Brasil uma possibilidade de exílio para Otto Maria Karpfen ainda não estão totalmente esclarecidas, mas o certo é que sua condição de judeu apóstata o tornava proscrito das listagens de refugiados elaboradas pela comunidade judaica internacional. Ainda no campo das hipóteses, é possível que os Karpfen tenham se beneficiado do *lobby* internacional realizado pela *Raphaelsverein*, uma organização beneficente alemã estabelecida pelo Vaticano com a finalidade de encontrar refúgio para católicos “não-arianos” alemães. (LESSER, 1995); (TUCCI CARNEIRO, 2001:234-247). O fato é que sua entrada no Brasil deu-se através de uma articulação envolvendo o Vaticano e o Centro Dom Vital – instituição que, naquele momento (1939), já era dirigida por Alceu Amoroso Lima, embora ainda mantivesse muito do ranço ultramontano dos tempos de seu antigo diretor, Jackson de Figueiredo. (COSTA, 2006).

¹⁴ Sobretudo porque acirrou as disputas políticas internas após dissolver o Parlamento e cassar os partidos políticos então existentes, como o Partido Nacional Alemão – o que, por exemplo, intensificou a ação deste partido em prol do *Anchulss*. Cf.: (HOFMANN, 1996); (MEHRAV, 1985); (VENTURA, 2002).

¹⁵ Mais uma vez ficaremos, mesmo que por ora, com as informações trazidas no estudo de Renard Perez; embora o que diferencia estas informações das fornecidas por Álvaro Lins (quando da apresentação de “Carpeaux” como um dos colaboradores do Correio de Manhã, em 1941) é a passagem dos Karpfen à Itália e Suíça (em trânsito?), antes de adentrarem a Bélgica – destino onde há comprovação material de sua permanência e atuação. Cf.: (LINS, 1964:153-160).

¹⁶ Quanto à colaboração na *Gazet van Antwerpen*, mais uma vez seguimos os dados de Perez. Já em relação à *La Cité Chrétienne*, valemo-nos do artigo “Point and lines”, de autoria de M. Willimans. Cf.: (WILLIMANS, 1939)

Parte desta trajetória explica a antipatia com a qual fora recebido por alguns escritores modernistas nos anos 1940, muitos deles com ligação direta com o Partido Comunista do Brasil (PCB) – como Jorge Amado, desafeto público contra o qual Carpeaux chegaria às vias de fato anos mais tarde.¹⁷ Simboliza esta relação nada amistosa a polêmica envolvendo Carpeaux e alguns colaboradores da revista *Diretrizes* (dentre eles, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Carlos Lacerda): após um necrológio nada amistoso ao humanista francês e prêmio Nobel de literatura, Romain Rolland – direcionado aos escritos deste intelectual, e não à sua postura como pacifista e homem de esquerda que foi (REVISTA DO BRASIL, 12/1943) – Carpeaux fora alvo de um manifesto de repúdio assinado pelos escritores acima citados e publicado em *Diretrizes*, o que possivelmente aproximou seu nome à figura de um reacionário¹⁸. Dentre as acusações trazidas por este manifesto, constava a “série de favorecimentos” que vinha recebendo do governo estadonovista (como o asilo político e a obtenção da naturalização brasileira, esta datada de 1944). Arrastando-se a polêmica para além deste manifesto, outros artigos de repúdio à Carpeaux versavam sobre sua produção intelectual, de “características “enciclopédica, eurocêntrica e barroca” – características associadas a um autor “regresso a Hegel, um conformista revestido de inconformismo, uma posição espiritualista de quem se devora a si mesmo”, como definia um outro artigo publicado em *Diretrizes* [Diretrizes, 12/08/1943].

Baseado nessas simplificações normativas – que não sustentam a complexidade do raio e da natureza das relações nutridas por Otto Maria Carpeaux durante sua permanência do Brasil¹⁹ – e se não tivesse vivido os anos subsequentes ao Golpe de

¹⁷ O episódio em questão ocorreu em 09 de outubro de 1959, sendo noticiado assim pelo jornal *O Globo*: “Jorge Amado e Carpeaux trocam socos”; num determinado momento da nota, sem assinatura, lemos o seguinte trecho: “[...] Entre ambos há uma diferença pessoal que data ainda do período da II Grande Guerra, quando os dois conhecidos homens de letras trocaram improperios, por motivo de fundas divergências políticas.” In: (GLOBO, 10/10/1959).

¹⁸ Vale registrar que, embora mantivesse o mesmo nome, nos anos 1940 a revista *Diretrizes* guardava pouquíssima relação com o momento e com as forças segundo os quais fora criada (criada pelo ideólogo do Estado Novo, Azevedo Amaral, em 1938, tendo por subtítulo *Política, Economia, Cultura*). Nos anos 1940, década da polêmica em questão, *Diretrizes* já era dirigida pelo jornalista Samuel Wainer e abrigava grande parte da intelectualidade nacional cujo coro contrário ao Estado Novo aumentava exponencialmente – posição que resultaria no significativo I Congresso Brasileiro de Escritores, em 1945. Cf.: (WAINER, 1987:49-89).

¹⁹ Como, por exemplo, a proximidade de Carpeaux e alguns outros membros do PCB carioca, ainda na década de 1940 – substanciada em seu apoio à candidatura de Astrojildo Pereira para vereador distrital do Rio de Janeiro, durante as eleições de 1947. Cf.: (MEMÓRIA & HISTÓRIA, 1981:47-50).

1964, Carpeaux possivelmente levaria o epíteto de reacionário túmulo adentro, até porque ocuparia por muitos anos o posto de um dos principais redatores do matutino carioca *Correio da Manhã*, sendo mesmo apontado como autor, ou um dos autores, dos famosos editoriais “*Basta!*” e “*Fora!*” (de 31 de março e 1º de abril de 1964, respectivamente), através dos quais aquele diário, conhecido por sua identificação com a tradição liberal e com a peculiar (para não dizer própria) concepção de democracia nutrida por esta tradição, juntava-se em definitivo ao coro golpista²⁰.

Todavia, seu ativo papel de oposição aos governos militares o tornaria conhecido, já no final da vida, como um intelectual definitivamente ligado ao espectro esquerdista no cenário político nacional. Se ainda persistissem dúvidas sobre o caráter “progressista” de seus posicionamentos, uma nota prévia assinada por Carpeaux em sua obra *Vinte e Cinco Anos de Literatura* (publicada em 1968), certamente poria fim a elas: através desta nota, o crítico literário despedia-se daquela que fora sua principal atividade por mais de três décadas para dedicar-se à luta contra a mais recente ditadura brasileira, porquanto não se considerava mais pertencente ao “círculo literário de amigos.” Em suas palavras: “Minha cabeça e meu coração estão em outra parte. O que me resta, de capacidade de trabalho, pertence ao Brasil e à luta pela libertação do povo brasileiro.” (CARPEAUX, 1968:14). À esta altura, Carpeaux já havia publicado uma série de artigos contrários ao golpe e aos governos ditatoriais iniciados em 1964; já havia sido afastado do *Correio da Manhã* e citado em um Inquérito Policial Militar justamente por sua postura antiditatorial²¹; tornado um assíduo colaborador da *Revista de Civilização Brasileira* (em que destaca-se seus artigos de apresentação e difusão da vida e das ideias de Antonio Gramsci); e tornado muito próximo de intelectuais que figurariam como fortes opositores ao regime militar – como Florestan Fernandes,

²⁰Em *A Ditadura Envergonhada*, Élio Gaspari levanta, muito rapidamente, a discussão em torno da autoria destes editoriais, informando-nos que, embora fosse admitida a ideia de um texto construído conjuntamente entre Edmundo Moniz (redator-chefe do *Correio*), Otto Maria Carpeaux e Carlos Heitor Cony (outro importante jornalista daquele matutino), possivelmente a primeira versão havia sido apresentada por Carpeaux e o texto final construído por este e Cony. Cf.: (GASPARI, 2002:65). Estamos entendendo como “peculiar” (e mesmo substituta) a concepção de democracia do liberalismo segundo o estudo de Ellen Wood, “Democracia contra capitalismo”; sobretudo o capítulo “*Demos versus ‘nós, o povo’...*” (WOOD, 2003:177-204).

²¹ Processo SECOM nº 36.204, de 23/11/1965. In: *ARQUIVO NACIONAL (Brasil)*. Coordenação de Gestão de Documentos. Relação de processos DSI [Ministério da Justiça]: 1955-1987. Rio de Janeiro, 1996, 400f., ms.

Henfil, Carlos Heitor Cony, Leandro Konder e vários outros²². Sem espaço de trabalho na imprensa durante os governos militares, a última atividade profissional de Carpeaux se daria na equipe responsável pela publicação da enciclopédia *Delta Larousse*.²³

Como não poderia ser diferente, sua morte causou uma generalizada consternação no “círculo literário de amigos” e no cenário intelectual brasileiro, como um todo. Ocorrido num momento em que parte da sociedade brasileira começava a respirar os primeiros ares de uma possível, mas ainda incerta, abertura política (fevereiro de 1978), o desaparecimento de Carpeaux representava a perda de um profícuo “homem de ideias”; mas, sobretudo, representava a perda de um forte opositor dos governos militares então no poder. Parte desta consternação foi transformada em artigos reminiscentes²⁴ e em necrológios-padrão, daqueles cujas publicações periódicas reservam espaço próprio país.²⁵

De intelectual “reacionário” à “progressista”, eis a matéria de disputa presente ainda hoje acerca de sua memória. O que poderia ser exemplo de uma inflexão de Carpeaux no campo das posições políticas (ou, até que ponto não seria a permanência de um espírito contestador, presente neste intelectual quando ainda assinava Karpfen?), tornou-se objeto de disputa por parte de um específico projeto editorial que, nos últimos anos, vem se dedicando à relançar as obras do crítico literário. Encabeçado pelas editoras Topbooks e UniverCidade e tendo como cujo objetivo expresso “organizar e relançar as obras completas do crítico literário”, foram lançados sob este projeto dois volumes de *Ensaaios Reunidos*, tendo sido prometido ainda um terceiro volume de “colaborações dispersas” e o relançamento dos oito volumes da *História da Literatura*

²² Companheiro de Otto Maria Carpeaux na redação do *Correio da Manhã* e na vida de perseguidos políticos pós-golpe de 1964, Carlos Heitor Cony é um dos poucos jornalistas que, vez por outra, faz de Carpeaux o mote de suas crônicas nos diários em que escreve. É através destas crônicas que somos informados do “mambembe não-remunerado e estranhíssimo” que representava, segundo Cony, as “palestras agendadas por diretórios de estudantes e centros de estudos” que ele e o crítico literário proferiam pelos diversos estados do país durante e contra a ditadura, por exemplo. (FOLHA DE S.PAULO, 19/11/2003)

²³ Sob a direção de Antonio Houaiss. Cf.: (CARPEAUX, 2005: 17-45).

²⁴ No fundo “Otto Maria Carpeaux” dos *Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros* depositados na Fundação Casa de Rui Barbosa, encontramos um documento intitulado “Crítica e depoimentos” onde, ao longo de cinco páginas datilografadas, é arrolada uma listagem considerável de depoimentos publicados na imprensa nacional e internacional à memória de Carpeaux. Graças a algumas anotações à caneta e à confrontação daquela letra com a presente em outros documentos, é possível identificar a autora deste documento: d. Helena Carpeaux. Cf.: OC Dv 02/APED/FCRB.

²⁵ Para fins de ilustração, vide “Memória – Otto Maria Carpeaux (1900-1978)”. (VEJA, 08/02/1978: 39)

*Ocidental*²⁶. Tais *Ensaio Reunidos* compreendem alguns livros anteriormente publicadas por Carpeaux (volume I)²⁷ e uma coleção de artigos dispersos publicados nos diversos periódicos em que Carpeaux atuou como colaborador (volume II). (CARPEAUX, 2005)

Desses dois volumes, interessa-nos, particularmente, o ensaio biográfico que abre o primeiro – assinado pelo filósofo Olavo de Carvalho e intitulado *Introdução a um Exame de Consciência* (CARPEAUX, 1999:15-69) – haja vista seu papel como porta-voz de uma tese que intenta impingir a “guinada à esquerda do crítico literário pós-1968” ao declínio intelectual (no sentido qualitativo de seus escritos) por parte de Otto Maria Carpeaux. Neste ensaio de pouco mais de 50 páginas, Olavo de Carvalho “reconstroi” a imagem de Karpfen/Carpeaux em contraponto à “imagem de combatente político” com a qual ficou caracterizado a figura deste intelectual após a sua morte. Possivelmente, o diálogo/contraponto de Olavo de Carvalho dá-se com os escritos sobre Carpeaux de autoria de um outro filósofo, Leandro Konder, que em *Os Intelectuais Brasileiros e o Marxismo* dedica um capítulo à trajetória do intelectual vienense.²⁸

A despeito de seu valor em apresentar e discutir temas e características marcantes do universo crítico de Carpeaux – como suas influências teóricas, seu método de trabalho, a relação entre suas obras e suas diversas experiências espirituais-religiosas – o artigo assinado por Carvalho concentra muita energia no exercício de “contraponto ao esquerdismo” acerca da memória do crítico literário, relegando para segundo plano o que ele mesmo apontou como ausente nas análises anteriores: a complexidade, prehe de contradições, vacilos e incoerências, como traço indelével da trajetória profissional,

²⁶ Todavia, até o momento esse projeto não teve continuidade. Foram as Edições do Senado Federal que relançaram, anos atrás, a “História da Literatura Ocidental” (em quatro volumes). Cf.: (CARPEAUX, 2008).

²⁷ (CARPEAUX, 1999). Estão publicados neste volume as obras *A Cinza do Purgatório* (de 1942); *Origens e Fins* (1943); *Respostas e Perguntas* (1953); *Retratos e Leituras* (1953); *Presenças* (1958) e *Livros na Mesa* (1960).

²⁸ Este capítulo, intitulado “Otto Maria Carpeaux”, pode ser considerado um dos primeiros “balanços de vida e obra” construídos sobre a trajetória de Karpfen/Carpeaux. Nele, Leandro Konder localiza o crítico literário ao lado de outros intelectuais que, no seu entender, estiveram direta ou indiretamente ligados à construção e à divulgação do pensamento marxista no Brasil, como Oswald de Andrade, Astrojildo Pereira, Caio Prado Junior, Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros. Cf.: (KONDER, 1991:59-64)

política e pessoal de Otto Maria Carpeaux²⁹. E mais: o faz segundo uma específica e elitista noção de intelectual. Senão vejamos:

À medida que os anos passavam, ele [Carpeaux] se permitiu cada vez mais ser afetado por uma atualidade política mesquinha, deixando dissolver-se em parte, no ambiente de imediatismo brasileiro, a soberana concentração espiritual que lhe permitira sair ileso das mais deprimentes experiências europeias.(CARPEAUX, 1999:21)

A bem da verdade, todo o ensaio de Olavo de Carvalho é permeado por esta elitista concepção de intelectual:

Mas na prática, ao abandonar a missão pedagógica essencial que somente ele [Carpeaux] poderia cumprir, para entregar-se a um combate político mais ou menos periférico [...] ele cedeu ao movimento descendente que arrastava a cultura brasileira no rumo da politização imediatista[...].(CARPEAUX, 1999:44)

Provando que antes de ajudar a entender a rica porquanto complexa trajetória de Carpeaux, esta lente idealizada de intelectual pela qual Carvalho analisa a trajetória do vienense, verdadeiro leito de Procusto, acaba por simplificar passagens importantes daquela mesma trajetória, sobretudo em relação ao período pós-golpe de 1964. Eis um exemplo: “Ao colocar sua força e prestígio integralmente a serviço de uma causa política, Carpeaux agiu como *homem bom* e *generoso* que era.” (Carvalho, 1999:64) Além de demonstrar o espírito e parte das razões com os quais *Introdução a um Exame de Consciência* fora escrito, passagens como esta abundam no ensaio de Olavo de Carvalho, sempre cioso em encerrar o intelectual em questão na figura do típico *scholar* europeu em exílio – acima e além de contingências políticas/contextuais e dotado de uma “missão pedagógica.” (Carvalho, 1999:63) Será através desta concepção elitista de intelectual que Carvalho se dedicará à apresentação da produção literária de Otto Maria Carpeaux pré-1964, associando-a a uma contribuição às chamadas “Ciências do Espírito” (*geisteswissenschaft*, na expressão em alemão).

²⁹ Só para ficarmos num exemplo, não toma como demeritória a atuação política de Karpfen na Europa do entreguerras, mas o faz quando Carpeaux dedica-se à resistência e ao confronto à ditadura militar brasileira.

Outra obra publicada por esta mesma editora – *De Karpfen a Carpeaux: Formação política e interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro*, do jornalista Mauro Souza Ventura – merece ser citada como referência à tese que se vem construindo em relação à memória de Karpfen/Carpeaux. Tendo como um dos objetivos traçar as principais influências teóricas e espirituais presentes na produção intelectual do crítico literário, *De Karpfen a Carpeaux* é louvável no que tange à apresentação de obras do crítico literário desconhecidas dos leitores brasileiros, justamente aquelas publicadas ainda no Velho Continente.³⁰ Todavia, mesmo contrapondo-se àquela visão idealizada de intelectual a qual chamamos atenção no ensaio biográfico de Olavo de Carvalho, Ventura acaba analisar em bloco uma produção, segundo nossas hipóteses, assimétrica, irregular. Também não alcança – embora não tivesse como objetivo – a produção “política” do crítico no Brasil, se assim podemos chamar as obras e os artigos publicados por Carpeaux no período posterior ao golpe de 1964. À guisa de ilustração, citamos:

O objetivo agora é procurar os elementos filosóficos que compõem seu pensamento e seus escritos, cuja matriz está na civilização da casa da Áustria. [...] Esses elementos formadores estão presentes não apenas em Österreichs europäische Sendung [...], mas prolongam-se nos artigos brasileiros de Carpeaux, escritos nos anos 40 e 50. Portanto, aqui já não cabe mais a separação entre Karpfen e Carpeaux. A fase austríaca e a brasileira estão unidas por uma continuidade de pensamento: a visão de mundo barroco-católica da casa da Áustria. (VENTURA, 2002:51)

Em oposição a tais associações, acreditamos que o exercício de distinguir entre “alta” e “baixa” a qualidade da produção literária de Karpfen/Carpeaux – relacionando tal “declínio” a sua “esquerdização”–, ou a análise em bloco de uma obra tão complexa e assimétrica como deste austríaco naturalizado brasileiro rivalizam com o que nossa prévia pesquisa pôde observar quanto à: i) inserção deste intelectual no campo da crítica literária brasileira; e às ii) transformações metodológicas presentes no conjunto das obras publicados por Karpfen/Carpeaux. Em relação ao primeiro caso (e como um dos

³⁰ Especificamente as obras *Wege nach Rom* e *Österreichs europäische Sendung* – respectivamente *Caminhos para Roma* e *A Missão européia da Áustria*, em tradução livre. Cf.: (KARPFEN, 1934); (FIDELIS, 1935).

integrantes da “Santíssima Trindade”, ao lado de dois outros judeus europeus exilados no Brasil, o húngaro Paulo Rónai e o alemão Anatol Rosenfeld), podemos dizer que Carpeaux construiu sua carreira como crítico literário sendo um ativo partícipe do cenário literário brasileiro e não apenas como um divulgador da produção europeia. Ainda não havendo completado 10 anos de vivência no Brasil e mal dominando o idioma português, por exemplo, Carpeaux lançaria uma audaciosa obra cujo título resume sua postura diante da produção literária do país por ele adotado: *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, de 1949. Já em relação ao segundo caso, podemos situar quase toda a obra de crítica literária de Otto Maria Carpeaux – sobretudo as centenas de ensaios que compõem a *História da Literatura Ocidental* – em que a “bagagem” de sua formação europeia, via “historicismo alemão” (Dilthey, Hegel, Simmel, Weber e outros) e via “estética da expressão e da intuição” (Benedetto Croce), dialoga com outros instrumentos metodológicos a fim de compreender e dar voz ao que não se encaixava nos *Zeigeist* (“Espíritos da Época”) propostos pelo culturalismo europeu e a considerar o que teoria da estética julgava elementos acessórios da crítica cultural, como os fatores históricos e psicológicos. Esse alargamento metodológico seria denominado pelo próprio Carpeaux como “estilístico-sociológico” (CARPEAUX, 2008:40) e consistia na crença de que os aspectos biográficos de determinado autor é tão importante quanto o seu ambiente social e as suas influências culturais. Ainda segundo Carpeaux: “A relação entre literatura e sociedade [...] não é mera dependência: é uma relação complicada, de dependência recíproca e interdependência dos fatores espirituais (ideológicos e estilísticos) e dos fatores materiais (estrutura social e econômica).”³¹

Neste sentido, concordamos com o Zenir Campos Reis quando este chama a atenção para a premência de uma “biografia intelectual do ensaísta [Carpeaux], baseado em documentação e não em conjunturas indemonstráveis, como a do ensaio do [...] sr. Olavo de Carvalho”³² Outrossim, diante de todo o exposto, não só acreditamos ser premente um estudo sistematizado acerca das trajetórias pessoal, política e metodológica de Otto [Maria] Karpfen/Carpeaux, como acreditamos ser primordial

³¹ Idem, pg. 39.

³² Professor aposentado do Departamento de Letras da USP, Zenir Campos Reis atualmente é o responsável pela organização do *Setor de Obras Raras Acervo Otto Maria Carpeaux* junto à Biblioteca Municipal Mário de Andrade – local onde fora acolhida a biblioteca do crítico literário após sua morte. O comentário acerca do ensaio de Olavo de Carvalho pode ser encontrado em: (TEREZA, 2002:295).

fazê-lo integralmente, recusando pré-definições que têm servido para obscurecer tão complexa trajetória.

BIBLIOGRAFIA

CARPEAUX, Otto Maria. *A cinza do purgatório*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

_____. *O Brasil no espelho do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

_____. *A batalha da América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

_____. *Vinte e cinco anos de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968

_____. *Ensaio Reunidos – 1942 -1978* . vol. I. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora /Topbooks, 1999, pp. 15-69.

_____. *Ensaio Reunidos – 1946-1971*. Vol. II. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora /Topbooks, 2005.

CONY, C.H. “O assombro das noites”. In: *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19/11/2003.

COSTA, M.T. *Um itinerário no século – Mudanças, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.

FIDELIS, Otto Maria [pseudônimo]. *Österreichs europäische Sendung – Ein außenpolitischer Überblick*. Wien: Reinhold-Verlag, 1935.

GRAMSCI, A. “Os intelectuais”. In: _____. *Cadernos do cárcere*. v.2. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000.

HOBBSBAWM, E. *Tempos interessantes – Uma vida no século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

HOFMANN, P. *Os vienenses – Esplendor, decadência e exílio*. Trad.: Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

KARPFEN, Otto Maria. *Wege nach Rom – Abenteuer, Sturz und Sieg des Geistes*. Wien: Reinhold-Verlag, 1934.

KONDER, L. “Otto Maria Carpeaux (1900-1978)”. In: _____. *Intelectuais Brasileiros e Marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991, pp. 59-64.

LESSER, J. *O Brasil e a questão judaica – Imigração, diplomacia e preconceito*. Trad. Marisa Sanematsu. Rio de Janeiro: Imago editora, 1995.

- LINS, A. “Apresentação de um companheiro europeu em exílio”. In: _____ *O relógio e o quadrante – Ensaios e estudos*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1964, pp. 153-160.
- MEHRAV, P. “Social-democracia e austromarxismo”. In: *História do marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- PEREZ, R. “Otto Maria Carpeaux”. In: CARPEAUX, O.M. *As Revoltas Modernistas na Literatura*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d, pp. 11-22.
- REIS, Z.C. “Um começo: ‘Ensaios Reunidos’ de Otto Maria Carpeaux”. In: *Tereza – Revista de Literatura Brasileira*. n. 3. São Paulo: Editora 34, 2002, pp. 290-295.
- SCHORSKE, C. *Viena fin-de-siècle. política e cultura*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- TUCCI CARNEIRO, M. L. *O anti-semitismo na Era Vargas – Fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- VENTURA, M.S.. *De Karpfen a Carpeaux – Formação política e interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- WAINER, S. *Minha razão de viver. Memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.
- WILLIMANS, M. “Point and lines” In: *The Commonweal Magazine*. Vol. 30, nº 08. Inglaterra: Ed. The Commonweal, junho de 1939
- WOOD, E. *Democracia contra capitalismo – A renovação do materialismo histórico*. Trad.: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.